

Dois satíricos portugueses : Dom Tomaz de Noronha e Gregório de Matos

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Dois satíricos portugueses : Dom Tomaz de Noronha e Gregório de Matos", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 259-266.

DOIS SATÍRICOS PORTUGUESES:

Dom Tomaz de Noronha e Gregório de Matos

RECENTEMENTE, numa entrevista concedida a um jornal diário a respeito deste programa, referi-me a uma solução drástica que me vejo obrigado a tomar perante a extensão do caminho que ainda nos falta percorrer e perante a enorme massa de textos nos quais apeteceria determo-nos. Essa solução é a seguinte: a de fazermos, daqui para o futuro, constantes «marchas forçadas». E começaremos, já hoje, a pô-la em prática de maneira intensiva.

Assim, depois de termos falado, na última emissão, da poesia de John Donne, renuncio, para já, a falar dos outros «poetas metafísicos» — considerando o caso de Donne como suficientemente exemplar e ilustrativo desta corrente. Claro que é uma injustiça, mas conto poder repará-la, mais tarde, na versão impressa destas mesmas *Imagens da Poesia Europeia*. Aliás, no primeiro volume desta obra — que se encontra agora praticamente concluído —, também tratei já de reparar muitas outras injustiças (e algumas bem clamorosas) no respeitante a vários poetas latinos e a vários poetas da Alta Idade Média. Assim, só em função do texto impresso, e só depois de ele se encontrar completo, é que me parece legítimo que se formulem críticas de facto pertinentes quanto às omissões que se verifiquem neste panorama. E isto vem particularmente a propósito de duas cartas — uma anónima, outra assinada — de dois telespectadores que me acusam de me ter esquecido da poesia de Corneille ao ter falado aqui dos autores franceses do século de Luís XIV. Evidentemente que não me esqueci. Simplesmente, limitei-me, dentro do mesmo domínio, a falar de Racine. É que tais «marchas forçadas» já começaram efectivamente há algum tempo... Mas, segundo parece, é necessário declará-lo em alto e bom som. Pois bem: assim o faço agora. E creio que chega.

Seja como for, ao retornarmos hoje à poesia portuguesa do século XVII, bastante nítido ficará também o referido critério das «marchas forçadas»... De entre a multidão de poetas satíricos dessa época, cingir-nos-emos apenas a dois — aos dois que me parecem mais representativos — e de ambos falaremos numa única emissão, embora qualquer deles (sobretudo o segundo, Gregório de Matos) na verdade exigisse e merecesse muito mais. E não posso tão-pouco dizer que vou falar deles: vou limitar-me a apresentar, de um e de outro, no tempo de que dispomos, alguns trechos suficientemente característicos — apesar de não ser possí-

vel apresentar, aqui, os que são *efectivamente mais característicos*. E porquê? Porque se trata, em ambos os casos (é já uma primeira caracterização) de autores com linguagem muito livre — para não dizer francamente despejada —, de autores, em suma, com aquela coragem (que depois se perdeu, ai de nós!) para chamarem as coisas pelos seus verdadeiros nomes.

Dom Tomaz de Noronha (como o apelido o indica e o «Dom» sublinha) pertencia a uma grande família, mas não se sabe sequer a data do seu nascimento. Tudo leva a crer, no entanto, que tenha nascido nos finais do século XVI, porquanto morreu, já velho, em 1651. E, não obstante a nobreza do nome, a sua existência na Lisboa seiscentista, deve ter sido a de um pária — ou, melhor dizendo, a de um parasita —, inteiramente à margem daqueles fidalgos, seus pares, a caracolarem nos cavalos diante do Paço da Ribeira das Naus... E seria antes a atmosfera da Ribeira Velha — com os seus estancos, as suas lojecas, as tendas das suas vendedeiras — a que sem dúvida lhe seria mais familiar... É provável que parasse também muito pelo Rossio — o Rossio de então... Imagine-mos que ele está ali, no primeiro plano, a falar com aquelas duas damas; a dirigir-se, sobretudo à que está a gesticular; e concordemos que tem razão para isso... É que o poeta — o nosso Dom Tomaz de Noronha — está a lembrar-lhe, bem pouco galantemente, que ela se enfeita de mais para a idade que tem...

*Escuta, ó Sara, pois te falta espelho
Para ver tuas faltas,
Não quero que te falte meu conselho
Em presunções tão altas;
Lembro-te agora só, que és terra, e lodo,
E em terra bás-de tornar-te deste modo,
Mas não te digo, nem te lembro nada,
Porque há muito, que em terra estás tornada.*

*Que importa, que algum tempo a prata pura
De tuas mãos nascesse,
E que de teus cabelos a espessura
As minas de ouro desse,
Se o tempo vil, que tudo troca, e muda,
Somente de ouro pôs por mais ajuda
Em tuas mãos de prata o amarelo,
E a prata de tuas mãos em teu cabelo.*

*Se um tempo foram de marfim brunido
No século dourado,
Não vês, que o tempo as tem já consumido?
Não vês, que as tem gastado?*

*Deixa, senhora, deixa os vãos enredos,
Pois quando toco teus nodosos dedos
Me parece, que apalpo sem enganos
Cinco cordões de frades Franciscanos.*

[...]

*Se feitura de Deus Eva não fora,
Dissera sem porfias
Que de Eva foste mãe, velha senhora,
Pois te sobejam os dias
Para esta presunção, que agora tenho;
E concluindo enfim, a alcançar venho,
Pois alcançar não posso a tua idade,
Que deves de ser mãe da eternidade.*

*Parece que teus olhos por consciência
A idade os tem metidos
Em duas lapas fazendo penitência;
E estão tão escondidos,
Que quando os vou buscar, porque me choram
Não acerto com o beco, onde moram,
Porque o tempo os mudou seu passo, e passo
Da flor do rosto lá para o cachaço.*

*Se a meus olhos despida te ofereces,
Minha alma logo pasma,
E estática nos ossos me pareces,
Ou quando não fantasma;
E assim, senhora, se te vejo em osso,
Com essa cara posta em tal pescoço,
Me pareces, tirada a cabeleira,
Em cima de um bordão uma caveira.*

Por este trecho se podem facilmente avaliar as amenidades de que Dom Tomaz de Noronha se mostrava capaz... O resto — ou é do mesmo calibre, ou muito pior. Mas bem mais interessante, sob inúmeros aspectos, é o caso do ainda seu contemporâneo Gregório de Matos e Guerra.

Este nasceu na Bahia, na cidade do Salvador, provavelmente em 1633, estudou em Coimbra, viveu cerca de trinta anos em Portugal e veio a morrer no Recife em 1696, depois de uma vida extremamente acidentada, com muitos passos ainda por esclarecer, não obstante as importantíssimas investigações, realizadas nos últimos cinco anos, pelo jovem erudito baiano Fernando da Rocha Peres. Mas fixemo-

-nos, aqui, apenas em dois ou três pontos: 1.º) que Gregório de Matos tinha uma tal fama de maledicente que lhe puseram a alcunha de «O Boca do Inferno»; 2.º) que por causa da sua maledicência — sobretudo através dos versos que escrevia — esteve preso em várias ocasiões e o «afastaram» inclusivamente para Angola; 3.º) que se situa principalmente na Bahia a parte mais importante da sua obra poética.

Na Bahia de hoje, e tal como ela é interpretada por artistas de hoje, ainda é possível, a cada passo, vermos o que seria a Bahia do tempo de Gregório de Matos... Há pouco mais de seis meses tive aliás ocasião de ver a casa onde ele habitou e não pude deixar de recordar aí o soneto em que o nosso poeta descreve o que era a cidade naquele tempo:

*A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.*

*Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.*

*Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.*

*Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia.*

Mas «O Boca do Inferno» não se ficava por descrições de carácter tão geral. Sempre que necessário, atacava as pessoas frontalmente — e até podemos dizer que descobriu, com três séculos de antecedência, aquele «princípio de Peter» que constituiu, há poucos meses, um *best-seller* internacional. Como sabem todos aqueles que leram este livro a que me refiro, os seus autores concluíram que as pessoas atingem sempre um «grau de incompetência» quando são chamadas a desempenhar funções que estão acima das suas possibilidades. Para Gregório de Matos, este «princípio» não tinha segredos... e ele teve ocasião de vê-lo «concretizado» na pessoa de um Governador seu contemporâneo, a quem dirigiu o seguinte soneto:

*Senhor Antão de Sousa de Meneses,
Quem sobe a alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.*

*A fortunilha autora de entremezes
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce:
Desanda a roda, e logo o homem desce,
Que é discreta a fortuna em seus reveses.*

*Homem (sei eu) que foi Vossenhoria,
Quando o pisava da fortuna a Roda,
Burro foi ao subir tão alto clima.*

*Pois vá descendo do alto, onde jazia,
Verá, quanto melhor se lhe acomoda
Ser home em baixo, do que burro em cima.*

Por estas e por outras não nos deve admirar que Gregório de Matos tenha ido parar, por mais de uma vez, com os ossos à cadeia... Mas a experiência do calabouço permitiu-lhe, por outro lado, «filosofar», com extrema originalidade, sobre o tema de que tudo, no fim de contas, acaba por ser prisão... Tendo-se dado o caso de um criado do referido Governador, por alcunha «O Braço Forte», ter sido preso (e, ao que parece, por culpas que eram do próprio Governador), eis como Gregório de Matos se «mete na pele» do encarcerado para nos dar, na primeira pessoa, uma perspectiva muito pessoal do que tinha acontecido:

*Preso entre quatro paredes
me tem Sua Senhoria
por golotão de despachos,
por fundidor de mentiras.
Dizem, que sou um velhaco,
e mentem por vida minha,
que o velhaco era o Governo,
e eu sou a velhacaria.
Quem pensara, e quem dissera,
quem cuidara, e quem diria,
que um braço de prata velha
pouca prata, e muita liga!
Tanto mais que o Braço forte
fosse forte, que poria
um cabo de calabouço,
e um soldado de golilha!
Porém eu de que me espanto,
se nesta terra maldita
pode uma onça de prata*

mais do que dez de alquimia.
Quem me chama de ladrão,
erra o trincho à minha vida,
fui assassino de furtos,
mandavam-me, obedecia.
Despachavam-me a furtrar;
eu furtava, e abrangia,
e são boas testemunhas
inventários, e partilhas.
Eu era o ninho de guincho,
que sustentava, e mantinha
com suor das minhas unhas
mais de dez aves rapinbas.
O Povo era, quem comprava,
o General, que vendia,
eu triste era o corretor
de tão torpes mercancias.
Vim depois a enfadar,
que sempre no mundo fica
aborrecido o traidor,
e a traição muito bem vista.
Plantar de fora o ladrão,
quando a ladroíce fica,
a casca é prisão das frutas,
mas de mãos mui pouco limpas.
Eles cobraram o seu
dinheiro, açúcar, farinha,
até a mim me embolsaram
nesta hedionda enxovia.
Se foi bem feito, ou mal feito,
o sabe toda a Bahia,
mas se a traição ma fizeram,
com eles a traição fica.
Eu sou sempre o Braço forte,
e nesta prisão me anima,
que se é casa de pecados,
os meus foram ninbarias.
Todo este mundo é prisão,
todo penas, e agonias,
até o dinheiro está preso
em um saco, que o oprima.

*A pipa é prisão do vinho,
e da água fugitiva
(sendo tão leve, ligeira)
é prisão qualquer quartinha.
Os muros de pedra, e cal
são prisão de qualquer vila,
d'alma é prisão o corpo,
do corpo é qualquer almilha.
A casca é prisão das frutas,
da rosa é prisão a espinha,
o mar é prisão da terra,
a terra é prisão das minas.
É cárcere do ar um odre,
do fogo é qualquer pedrinha,
e até um céu de outro céu
é uma prisão cristalina.
Na formosura, e donaire
de uma muchacha divina
está presa a liberdade,
e na paz a valentia.
Pois se todos estão presos,
que me cansa, ou me fadiga,
vendo-me em casa d'el-Rei
junto à Sua Senhoria?
Chovam prisões sobre mim,
pois foi tal minha mofina,
que, a quem dei cadeias d'ouro,
de ferro mas gratifica.*

Quem escreveu estes versos era sem dúvida um homem completamente desiludido, perfeitamente desabusado; e era, além disso, um grande poeta, capaz de executar constantes «saltos mortais» — passando de uma situação concreta do quotidiano para reflexões de ordem geral e, depois, voltando novamente à situação-base, com agilidade, com ironia, com um domínio perfeito de todos os registos da expressão. Mas este homem, este poeta era ainda capaz de se retratar sem complacências, com uma sinceridade que nos faz lembrar um François Villon e que o inscreve, em lugar de honra, na galeria dos grandes poetas malditos:

*Sou um sujo, e um patola,
de mau ser, má propensão,
porque se gasto o tostão*

*é só com negras de Angola:
um sátiro salvajola,
a quem a universidade
não melhorou qualidade,
nem juízo melhorou,
e se acaso lá estudou,
foi loucura, e asnidade.*

E é claro: tendo a coragem de se encarar deste modo, Gregório de Matos também não deixava de ter o direito de ver os «outros» de modo igualmente implacável. Mas, sob este aspecto, ele é sobretudo um grande poeta quando *sabe* dominar-se, travar-se, conter-se — e quando vai buscar aos próprios artifícios da expressão poética o socorro para esse domínio. Ouçamo-lo, a terminar, num soneto em que a própria dificuldade das rimas (aquilo a que se chamava, no tempo, um «soneto de consoantes forçadas») lhe serve de contenção... Com efeito, as rimas, todas em «p» («apa», «epa», «ipa», «opa», «upa»), é que o obrigam a conter-se, a travar-se, como ele próprio, no fim, acaba por observar:

*Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:
Com sua língua ao nobre o vil decepa:
O Velhaco maior sempre tem capa.*

*Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.*

*A flor baixa se inculca por Tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:
Mais isento se mostra, o que mais chupa.*

*Para a tropa do trapo vazo a tripa,
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.*